

Revisitando Narrativas em Busca de Definição e Usos em Contabilidade

Revisiting Narratives: Searching for Definition and Uses in Accounting

Olivia Maurício Dornelles

Doutora em Ciências Contábeis pela UFRJ
oliviacontabeis@uol.com.br

Fernanda Filgueiras Sauerbronn

Doutora em Administração pela Fundação Getúlio Vargas
Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da FACC/UFRJ
fernanda.sauerbronn@facc.ufrj.br

Resumo

Narrativas são textos que relatam acontecimentos de forma ordenada cronologicamente, com início, meio e fim, de forma que seja percebida a relação de causa e efeito entre os fatos. Diferem-se da descrição, da dedução e da poesia, pois apresentam um problema e sua resolução, e é isso que é narrado. Nas Ciências Sociais, nos anos 1990, houve uma recuperação do estudo das narrativas – *narrative turn* –, valorizando a maneira pela qual os fatos são contados, para além do conteúdo do que é dito. A presença do pesquisador também passou a ser valorizada, afastando a suposição de impessoalidade. O presente ensaio teve como objetivo revisitar as definições e usos da análise de narrativas, com ênfase no estudo da literatura da área de contabilidade, contribuindo para seu avanço no Brasil. Foram propostas duas maneiras de considerar as narrativas: tanto como forma de analisar diferentes tipos de textos, quanto como modo de escrever relatórios de pesquisa ou de obter os dados. Na análise narrativa, o texto é considerado como um todo; não são feitas segmentações das partes, como, por exemplo, na análise de conteúdo. Em Contabilidade, uma revisão da literatura aponta que a maioria dos artigos pesquisados usou como objeto da análise de narrativas os relatórios da administração e as cartas dos gestores que acompanham as demonstrações financeiras. A utilização de narrativas acrescenta um outro tipo de compreensão dos relatórios financeiros, indo além das análises quantitativas comumente empregadas.

Palavras-chave: Narrativas. Histórias. Contabilidade. Relatórios da Administração.

Abstract

Narratives are texts that report events in a chronological order, with beginning, middle and end, so that the relation of cause and effect between the facts is perceived. They differ from description, deduction and poetry, because they present a problem and its resolution, and this is what is narrated. In the Social Sciences, in the 1990s, there was a revival of the study of narratives – *narrative turn* – valuing the way in which facts are counted, beyond the content of what is said. The presence of the researcher also came to be valued, moving away the assumption of impersonality. This essay aimed to revisit the definitions and uses of narrative analysis, with emphasis on the study of literature in the accounting area, contributing to its advancement in Brazil. Two ways of considering the narratives were proposed: both as a way of analyzing different types of texts and as a way of writing the research reports or obtaining the data. In narrative analysis, the text is considered as a whole; no segmentation of the parts, such as in content analysis, is done. In Accounting, most of the articles surveyed used as narrative analysis object the management reports and the letters of the managers that

accompany the financial statements. The use of narratives adds another type of understanding of the financial reports, going beyond of quantitative analyzes commonly employed.

Keywords: Narratives. Stories. Accounting. Management Reports.

1 Introdução

"Inumeráveis são as narrativas do mundo. [...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma um povo sem narrativa; [...] a narrativa está aí, como a vida." (BARTHES, 2013, p. 19).

Narrativas existem desde o início dos tempos, conforme citação do linguista francês Roland Barthes que mostra a amplitude e a diversidade das narrativas. Desenhos nas cavernas são narrativas, na medida em que contam histórias de feitos e aventuras. Portanto, naturalmente, a área de Letras foi a primeira a se interessar pelo estudo formalizado das narrativas.

Para se afirmar como conhecimento científico, descrições formais, estruturadas das narrativas foram propostas, como, por exemplo, pelo formalista russo Vladimir Propp com a sistematização das funções recorrentes nos contos maravilhosos, e, posteriormente, pelos estruturalistas franceses. Apesar da universalidade da narrativa – ou mesmo devido a isso –, não há uma única e precisa definição que englobe todas as suas possibilidades.

Na área contábil, a análise de narrativas ainda é um campo de estudo pouco explorado. Entretanto, segundo Covaleski, Haynes, Hoque e Parker (2018, p. 7), há quatro elementos centrais que justificam o estudo de narrativas por pesquisadores contábeis. Primeiro, porque há narrativas sobre contabilidade, nas quais as imagens sobre as contas e sobre a contabilidade em si, na cultura popular, merecem especial atenção. Segundo, há possibilidades de aplicar "ferramentas narratológicas" na pesquisa contábil. Terceiro, há tentativas de fazer avançar o conhecimento por meio de narrativas em relatórios acadêmicos. Quarto, há um conjunto de esforços de acadêmicos internacionais para fazer avançar uma abordagem narrativa na prática da contabilidade. O estudo da narrativa em contabilidade, portanto, alinha-se às possibilidades interpretativas e críticas (CHUA, 1986).

Seguindo o argumento que advoga o avanço da abordagem narrativa nas pesquisas contábeis, o presente ensaio tem como objetivo revisitar as definições e usos da análise de narrativas, com ênfase no estudo da literatura da área contábil, contribuindo para seu crescimento no Brasil. Ao longo do texto, além de abordar as definições e fundamentações teóricas, discutimos as controvérsias em contabilidade e apresentamos exemplos obtidos de demonstrações financeiras, além de propor uma dupla maneira de usar narrativas em contabilidade: tanto como análise quanto como forma de escrita.

Assim, na próxima seção apresentamos algumas definições de narrativas, tanto de pesquisadores da área literária quanto das ciências sociais. Uma das principais polêmicas é sua relação com a palavra "história"¹, e as semelhanças e as diferenças entre os significados dos dois termos. A terceira parte trata da chamada "virada narrativa" nas ciências sociais. Na parte 4, é proposta a divisão de pesquisa narrativa em análise e produção. A parte 5 traz a aplicação de narrativas especificamente em contabilidade, seguida por alguns exemplos de pesquisas narrativas. Por fim, o artigo aponta uma possível agenda de pesquisa baseada em narrativas nas ciências contábeis.

2 Definindo Narrativas

Narrativas são textos relatados numa sequência contínua, com início, meio e fim bem determinados, e com representações de causas e consequências. Dentre as várias definições de narrativa, essas são as características que aparecem em comum: o caráter cronológico e

ordenado da apresentação dos acontecimentos, dos quais é possível perceber relações causais, e que são maneiras particulares de representar situações reais ou imaginárias.

As características das narrativas remontam à *Poética* de Aristóteles (provavelmente entre 335 a.C. e 323 a.C.), quando, ao definir a tragédia como "a imitação de uma ação importante e completa" (cap. VI, 2), e que "a imitação de uma ação é o mito (fábula)" (cap. VI, 8) que forma uma totalidade, apresenta em seguida que o "todo é o que tem princípio, meio e fim" (cap. VII, 3), e que "portanto, para que as fábulas sejam bem compostas, é preciso que não comecem nem acabem ao acaso" (cap. VII, 7). Ainda nesse texto, Aristóteles estabelece uma "regra geral" na qual os acontecimentos devem mudar "em infortúnio a felicidade da personagem principal ou inversamente a façam transitar do infortúnio para a felicidade" (cap. VII, 12), e define como "peripécia", "a mudança da ação no sentido contrário ao que foi indicado" (cap. XI, 1) (ARISTÓTELES, 1985, p. 248-255).

A partir desse texto aristotélico, o estruturalista francês Gérard Genette define que:

Toda narrativa comporta com efeito, embora intimamente misturadas e em proporções muito variáveis, de um lado **representações de ações e de acontecimentos**, que constituem a **narração** propriamente dita, e de outro lado, **representações de objetos e personagens**, que são o fato daquilo que se denomina hoje [1966] a **descrição**. (GENETTE, in BARTHES et al, 2013, p. 272, grifos nossos).

Assim, a **narração** estaria ligada às ações e aos acontecimentos de forma direta, fornecendo o caráter dramático e a sucessão temporal das narrativas, enquanto a **descrição** serviria para representar os objetos e personagens de forma simultânea e espacial. Essas duas características formariam a totalidade de uma narrativa, sendo que "a descrição é mais indispensável do que a narração, uma vez que é mais fácil descrever sem narrar do que narrar sem descrever" (GENETTE, in BARTHES et al, 2013, p. 273).

Ou seja, aí está uma diferenciação importante: numa narrativa, é necessário que existam acontecimentos, e não apenas a descrição deles! Algo precisa **acontecer** ao longo do texto (escrito ou falado), e que isso traga consequências às situações. Caso contrário, **não** é narrativa, e sim meramente uma descrição: não há sucessões temporais nem relações causais. A descrição está presente nas narrativas, mas estas são mais do que aquelas: as narrativas contêm também os acontecimentos temporais que as caracterizam.

O semiólogo francês Claude Bremond vai além, diferenciando narrativa não só de descrição, mas também de dedução, lirismo e cronologia:

Toda **narrativa** consiste em um discurso integrando uma **sucessão** de **acontecimentos** de **interesse humano** na unidade de uma **mesma ação**. Onde não há sucessão, não há narrativa, mas, por exemplo, **descrição** (se os objetos do discurso são associados por uma contiguidade espacial), **dedução** (se eles estão implicados), **efusão lírica** (se eles evocam por metáfora ou metonímia), etc. Onde não há integração na unidade de uma ação, não há narrativa, mas somente **cronologia**, enunciação de uma sucessão de fatos não coordenados. (BREMOND, in BARTHES et al, 2013, p. 118, grifos nossos).

Assim, para Bremond, os elementos necessários para a existência de uma narrativa são: acontecimentos sucessivos, interesse humano e unidade de ação. São esses três aspectos que formam a narrativa, por oposição a outros tipos textuais, em acordo com as definições de Aristóteles e Genette.

Nas ciências sociais, o *The Sage Dictionary of Social Research Methods* traz a definição de narrativa: "O que torna os diversos textos 'narrativa' é seqüência e consequência: os eventos são selecionados, organizados, conectados e avaliados como significativos para um

determinado público" (RIESSMAN, 2006, p. 186, tradução nossa). Já para Michael Bloor e Fiona Wood:

Narrativas são histórias contínuas ou relatos de experiências das pessoas. [...] Um aspecto-chave (e mesmo essencial) de uma narrativa é que ela deve ter uma **sequência com início e fim definidos** [...] O narrador deve contar a história na mesma sequência na qual os eventos ocorreram, para que a causa e o efeito do evento fiquem claras (BLOOR;WOOD, 2006, p. 119, tradução nossa, grifos nossos).

Assim, as definições usadas nas pesquisas em ciências sociais se assemelham àquelas da tradição literária, principalmente em relação ao caráter sequencial da narrativa e sua diferenciação de outros tipos de textos, como o apenas descritivo.

Por exemplo, nas demonstrações financeiras do ano de 2015 da Samarco Mineração S.A., há o seguinte trecho nas notas explicativas iniciais, em item referente a "evento significativo":

Em virtude do rompimento da Barragem de rejeitos de Fundão, ocorrido em 05 de novembro de 2015, a Samarco incorreu em relevantes impactos contábeis, especialmente relacionados a gastos relativos às medidas de prevenção, reparação, contenção e compensação dos danos materiais, ambientais e sociais resultantes do rompimento da barragem, assim como as baixas de ativos da Companhia. (SAMARCO, 2015, p. 31).

Esse texto deve ser considerado como uma narrativa, pois é possível perceber a sequência e a consequência dos acontecimentos apresentados: houve o rompimento de uma barragem durante o ano da demonstração financeira, e isso levou a gastos e baixas em ativos. Entretanto, considere que o mesmo fato tivesse sido escrito da seguinte forma:

Em 05 de novembro de 2015, houve o rompimento da Barragem de Fundão. A Samarco teve gastos relativos a medidas de prevenção, reparação, contenção e compensação dos danos materiais, ambientais e sociais. Houve a baixa de alguns ativos da Companhia.

Este segundo texto não deve ser considerado uma narrativa, pois os fatos não estão textualmente relacionados, e sim apenas descritos, deixando que a ligação de causa e efeito seja feita (ou não) pelos leitores. É possível perceber, portanto, que há uma descrição e não uma narração em forma de história como no caso anterior, em que houve a escolha pela narração, com uma relação de causa e efeito específica.

Uma questão relacionada às narrativas é sua identificação ou não com o conceito de história. Os sociolinguistas reservam o termo narrativa para a classe geral, e história para uma forma específica que inclui algum tipo de ruptura ou distúrbio no curso dos eventos (RIESSMAN, 2008, p. 7). Porém, essa autora afirma em seguida que usa os termos história e narrativa de forma intercambiável. Já Donald E. Polkinghorne afirma que "da forma que eu uso, o termo 'história' é equivalente a 'narrativa'" e "eu uso 'história' para referir a qualquer produção narrativa em geral" (POLKINGHORNE, 1988, p. 13-14, tradução nossa).

Ainda que alguns pesquisadores da área das ciências sociais igualem os dois termos, a diferença entre eles é que história é um tipo especial de narrativa: aquela que contém trama, conspiração, peripécia (de acordo com o termo aristotélico), intriga e desequilíbrio (como considera Todorov), ou "*plot*", no vocábulo da língua inglesa.

Barbara Czarniawska (2004, p. 17 e 19) diferencia narrativas como relatos puramente cronológicos e histórias como narrativas com tramas, e considera que faltando um *plot*, não há história. Assim, é a inclusão numa narrativa de um problema a ser solucionado que define uma história, que se torna a busca pela solução.

De acordo com a definição do teórico da literatura, Tzvetan Todorov:

Uma narrativa ideal começa com uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força com sentido contrário, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos. (TODOROV, 2003, p. 153).

Assim, a história em si seria o relato do retorno ao equilíbrio, só que num nível melhorado em relação ao anterior. Dessa forma, o que caracteriza uma narrativa é a presença de um "problema" que será resolvido. Esse problema é chamado de "*plot*", que é uma alteração no enredo, uma mudança que causa o desequilíbrio a ser resolvido. Pode ser traduzido como "reviravolta". Na *Poética da Prosa* de Todorov, é traduzido como "intriga": "A intriga mínima completa consiste na passagem de um equilíbrio para outro" (TODOROV, 2003, p. 153).

Por exemplo, uma empresa com problemas financeiros pode se reestruturar e voltar a ser lucrativa ou falir. Em ambos os casos, há a restauração do equilíbrio do mercado. O Relatório da Administração de 2013 da Metalúrgica Duque conta que:

Infelizmente para surpresa e grande decepção dos nossos administradores, em finais de novembro a operação [de captação de recursos] foi cancelada pela desistência dos fundos com os quais estávamos tratando, e que nas consultas, tinham nos dado garantias de captação.

Com esta situação, além de todas as dificuldades financeiras/operacionais que vivemos ao longo do ano [...], entramos em dezembro em uma situação muito difícil e agravada pelo mês mais caro de encargos e despesas gerais.

Desta forma fomos obrigados a avaliar outras opções, e dentre elas até uma RJ [recuperação judicial]. Assim sendo, contratamos ainda em dezembro, empresa especializada em RJ para fazer um diagnóstico de nossa real situação no sentido de decidirmos ou não por um pedido de RJ.

Assim, encerramos o exercício de um ano muito difícil, com uma situação muito complicada para 2014 (METALÚRGICA DUQUE S.A., 2013, p. 2).

Nesse exemplo, temos a história do declínio financeiro de uma empresa, com perspectivas do que poderá acontecer (recuperação judicial ou não). De qualquer forma, há a explicação de uma tentativa frustrada de captação de recursos imobiliários, agravando a situação deficitária, juntamente com os encargos trabalhistas devidos no mês de dezembro, levando à situação calamitosa a ser resolvida².

3 A "*virada narrativa*" (um pouco de história)

Nas ciências humanas e sociais, incluindo a Contabilidade, ocorreu a denominada "virada narrativa" – "*narrative turn*", em inglês –, quando as pesquisas passaram a se interessar também pela a forma de narrar, e não mais apenas pelo conteúdo narrado. Essa virada narrativa representou um afastamento do realismo e do positivismo, ainda que estas duas perspectivas teóricas permaneçam como dominantes nas principais publicações da área contábil. Conforme observaram Malsch, Gendron e Grazzini (2011, p. 201)³, as pesquisas contábeis são significativamente polarizadas, com o polo dominante produzindo estudos positivistas e economicamente embasados, e relativamente impermeáveis a formas alternativas de pesquisas.

As correntes críticas e interpretativas formam uma resistência a esse *mainstream*, porém são ainda bastante tímidas entre pesquisadores brasileiros de contabilidade (LOURENÇO; SAUERBRONN, 2016). Portanto, nosso argumento alinha-se assim também à Chua (1986, p. 602) por reconhecer que a pesquisa contábil convencional precisa ser desafiada por visões de mundo alternativas, uma vez que limitou o tipo de problemas estudados, o uso de métodos de pesquisa e, principalmente, os possíveis *insights* de pesquisa que poderiam ser obtidos.

Há muito a ganhar com a mudança da contabilidade para o mundo da vida dos atores. Em vez de construir modelos de ação humana rigorosos, mas artificiais, que pressupõem objetivos racionais e consensuais, a abordagem [alternativa] oferece uma compreensão da contabilidade em ação. Ela procura a definição da situação do ator e analisa como isso é tecido em uma estrutura social mais ampla (CHUA, 1986, p. 618, tradução nossa).

A virada narrativa é ainda considerada uma corrente alternativa, uma vez que as análises passaram a incluir a maneira pela qual as pessoas criam o significado por meio da história contada. De acordo com Chase (2005, p. 656, tradução nossa) uma vantagem da virada narrativa é reconhecer "que os falantes constroem os eventos através da narrativa, mais do que simplesmente se referem aos eventos". Para a autora, ao ser reconhecida a intencionalidade do texto, os pesquisadores deixaram de ser vistos como "impessoais" e passaram a ser participantes na criação de sentido do conteúdo narrado – não mais se supõe o observador neutro, que apenas recolhe (ou coleta) a informação apresentada em uma realidade objetivamente dada.

Um consenso sobre a virada narrativa é que não há consenso entre os diversos pesquisadores sociais sobre o momento ou os motivadores dessa nova perspectiva. Um texto, porém, que é citado por importantes autores (Chase, Beattie, Riessman), é o artigo *Narrative Analysis: oral versions of personal experience*, de Labov e Waletzky, publicado originalmente em 1967, e reimpresso em 1997, que trazia uma análise formal de narrativas orais de experiências cotidianas de pessoas comuns, o que foi uma ideia inovadora para a época, e trouxe a possibilidade de novos objetos de pesquisa, ampliando o campo de estudo.

Assim, houve um afastamento dessas ciências dos modelos positivistas, e incluindo os pesquisadores como parte do campo de estudo, excluindo o pressuposto anterior de observador neutro. Para Riessman (2008, p. 17, tradução nossa), "independente de seu início, o estudo analítico das narrativas já pode ser encontrado praticamente em todos os campos e disciplinas das Ciências Sociais". Por fim, Beattie (2014, p. 119) e Riessman (2008, p. 142) caracterizam ainda uma "*visual turn*", na qual as imagens que acompanham os diversos documentos passam a ser objeto de análise narrativa, constituindo o "texto" a ser lido e interpretado.

Em Contabilidade, segundo Beattie (2014, p. 111-119), nos Estados Unidos os primeiros artigos sobre narrativas contábeis foram publicados em 1964, e entre 1971 e 1974, nos dois principais periódicos do assunto – *The Accounting Review* e *Journal of Accounting Research* –, e tinham por tema a inteligibilidade (*readability*) dos relatórios financeiros. Porém, com o surgimento da Teoria Positiva da Contabilidade (1978) – propondo uma abordagem científica mais próxima dos métodos das ciências exatas –, os textos narrativos ficaram relegados a segundo plano.

Fora dos EUA, um dos primeiros usos do termo "narrativa" foi em artigo de 1979, publicado na *Accounting and Business Research*, e analisava dois potenciais usos das narrativas: comunicação e manipulação. O "*critical turning point*", porém, ocorreu em 1996, com a publicação de três artigos na *Accounting, Organizations and Society*, que analisavam forma e conteúdo (e não apenas o conteúdo) das demonstrações financeiras anuais, e eram baseados em textos de teoria literária, sociologia e estudos culturais (BEATTIE, 2014, p. 114-115), incluindo esses novos paradigmas nas Ciências Sociais Aplicadas, especialmente gestão e contabilidade. Atualmente reconhece-se que:

Os gerentes e seus subordinados contam histórias e escrevem histórias uns aos outros e aos entrevistadores, sejam pesquisadores ou jornalistas. O mesmo acontece com médicos e pacientes, professores e alunos, vendedores e clientes, treinadores e jogadores de futebol. Assim, o duplo significado da palavra em inglês '*accounting*': *accounting* pode ser feito em palavras, em números ou em ambos. Embora as

narrativas sejam compreendidas como palavras, elas geralmente se sustentam com números; os números, por sua vez, sempre precisam de palavras para adquirir significado (CZARNIAWSKA, 2018, p. 185, tradução nossa).

4 Pesquisa Narrativa (produção e análise)

Em relação às pesquisas narrativas, a etimologia e os relatos antropológicos saíram na frente produzindo tanto textos em forma de narrativa quanto análises sobre outros textos narrativos. E daí surge a primeira divisão de operacionalização dos estudos narrativos: esse tipo de pesquisa diz respeito tanto à **forma** de relatar investigações sobre os mais variados temas, como também aos **estudos** sobre narrativas produzidas não só em textos científicos, mas também nos textos dos demais contextos sociais, como notas explicativas das demonstrações contábeis financeiras. A Figura 1 sintetiza essas duas possíveis abordagens para o estudo narrativo, produção e/ou análise.

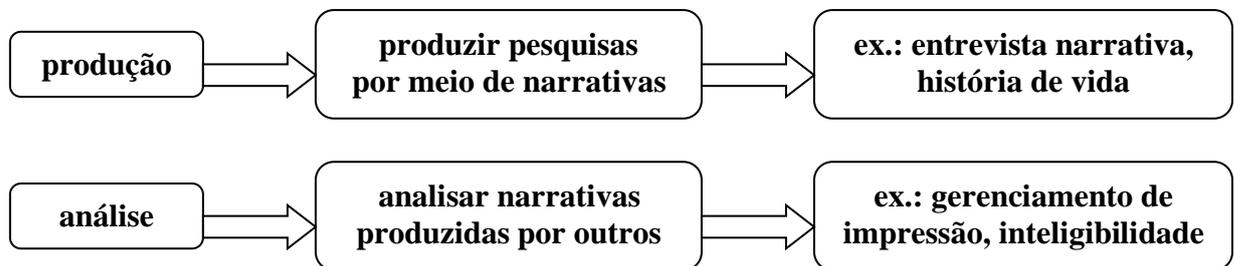


Figura 1 – Possibilidades da pesquisa narrativa
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Sendo assim, o estudo das narrativas expande a análise de textos de "o que eles dizem" para "como eles dizem". Nas palavras de Czarniawska, há uma mudança de foco de "o que um texto diz?" para "o que um texto faz?" ("como um texto diz o que ele diz?"), e isso eliminaria a questão de "fato ou ficção?" (CZARNIAWSKA, 2004, p. 132, tradução nossa).

Essa eliminação das indagações sobre uma "veracidade" do que foi narrado significa que há uma compreensão de que fatos são "fabricados" (no sentido de que houve uma escolha por aquele aspecto a ser divulgado e não qualquer outro), e um desejo de saber como eles foram fabricados. Isso vai de encontro a uma interpretação tradicional das narrativas em ciências sociais, quando se insistia na possibilidade de haver uma análise apenas do "puro conteúdo", ignorando as "formas" pelas quais esses conteúdos eram transmitidos (CZARNIAWSKA, 2004, p. 135). Assim, reconhece-se que toda narrativa envolve reconstrução, representação e, portanto, silenciamento (CARNEGIE; NAPIER, 2018, p. 76).

A partir desse posicionamento sobre as narrativas em ciências sociais – de que as histórias contadas constituem o material empírico para entender como as pessoas criam significado a partir dos eventos vivenciados (CHASE, 2005, p. 660), e não apenas fazem meros relatos –, é que serão comentadas a produção e a análise das narrativas.

4.1 Produção

A ideia original que surgiu na década de 1960 foi de que as narrativas orais de experiências cotidianas de pessoas comuns valiam a pena ser estudadas e serviam de objeto de pesquisa e informação nas ciências sociais. A História, por exemplo, passou a valorizar os fatos relacionados a pessoas "comuns", para explicar comportamentos sociais de determinadas épocas, como no "grande massacre de gatos" de Robert Darnton, no qual um estagiário de uma tipografia francesa do XVIII narra as peripécias dos trabalhadores para enganar os patrões e serem solicitados a matarem seus gatos, que usufruíam de alimentação e

acomodações melhores do que os funcionários da gráfica. Esse relato pessoal de um acontecimento coletivo traz, no entanto, uma compreensão das relações sociais, culturais e econômicas de uma época e de uma região. Para Darnton, esses documentos com narrativas de aspectos particulares da vida cotidiana o levaram a "apreciar alguns pontos de vista incomuns, que podem ser os mais importantes" (DARNTON, 1986, p. xvii).

Nos estudos antropológicos, as narrativas foram usadas também como forma de apresentação dos resultados das pesquisas, principalmente dos trabalhos de campo. O pesquisador-narrador deixa de se "esconder" atrás da impessoalidade de uma narração em terceira pessoa, e se insere de maneira participativa no relato do que foi pesquisado. Os relatórios são escritos na primeira pessoa do singular, o que confere, inclusive, um caráter mais íntimo e próximo para o leitor, tornando mais agradável a leitura de pesquisas e teses científicas. Por exemplo:

Em novembro passado, passei vários dias nos arranha-céus de Canary Wharf, na sede dos bancos da cidade, na madeira clara e no vidro do escritório de St James de um fundo de hedge, tentando entender a crise de crédito que explodiu nos últimos quatro meses. Fiquei intrigado com a estranheza em que cheguei a pensar se era o "comércio de fim de mundo". Esse comércio é a compra de seguros contra o que seria de fato o fracasso do sistema capitalista moderno. Seria necessário um cataclismo – cerca de um terço das empresas líderes em investimento na Europa ou metade das empresas na América do Norte que estavam em falência e inadimplentes com suas dívidas – para que o seguro fosse pago. [...] Obviamente, a crise de crédito aumentou o risco de falha econômica sistêmica. Mas a existência e o aumento do preço do "comércio de fim de mundo" indicam algo além disso. [...] O que é revelado pelo "comércio de fim do mundo" é que a atual crise diz respeito ao colapso dos fatos públicos. (MACKENZIE, 2008⁴, apud CZARNIAWSKA, 2018, p. 191, tradução nossa).

O trecho indicado aponta como uma perspectiva em primeira pessoa do singular simplifica o entendimento de um episódio relevante do início do século XXI para economistas e contadores. Isso revela que, em relação à **produção** de pesquisas por meio de narrativas, duas características podem ser apontadas:

- (1) pode-se fazer uso de **textos narrativos para a realização** da pesquisa, como no exemplo de Darnton, e nas entrevistas narrativas que buscam fazer com que o entrevistado seja um narrador de suas experiências pessoais mais do que um respondente às questões do entrevistador; e também
- (2) o **relato em forma de narrativa**, como no exemplo de MacKenzie, no qual o texto que divulga os resultados das pesquisas está em forma de narrativa e não de relatório científico tradicional, permitindo o uso da primeira pessoa do singular, com o autor se inserindo explicitamente no produto de seus estudos.

A Figura 2 ilustra essas duas maneiras de produzir pesquisas através de narrativas.

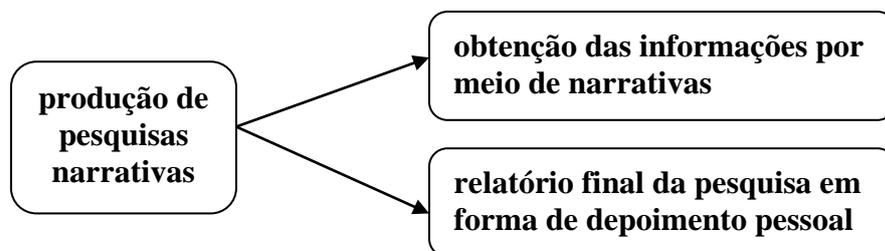


Figura 2 – Produção de pesquisas com narrativas
Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na obtenção dos dados a serem analisados através de narrativas, uma maneira bastante utilizada é a entrevista narrativa (um tipo particular de entrevista qualitativa), na qual a questão central é como tratar o entrevistado como um narrador, transformando a relação entrevistador-entrevistado em narrador-ouvinte, indo além do esquema pergunta-resposta (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2004, p. 95). Essa técnica permite conhecer como o narrador entende suas experiências biográficas particulares, e como cria significado a partir dos eventos vivenciados. Para os autores, a tarefa do pesquisador durante a entrevista é fazer com que o entrevistado se torne um narrador, orientando-o para contar as particularidades da história e seu entendimento pessoal dela.

Ainda que contar histórias seja comum nas conversas cotidianas, frequentemente os entrevistados acabam por falar sobre generalidades e não particularidades pessoais, pois assumem que os pesquisadores estão interessados no geral e não na experiência particular. Susan Chase (2005) sugere que o entrevistador utilize uma questão ampla para incentivar o respondente a determinar o que quer contar sobre o tema – mas nem sempre é fácil descobrir qual pode ser essa questão ampla. Para isso, é preciso primeiro saber o que é uma história digna de ser contada, no contexto social do narrador. O pesquisador precisa estar preparado para convidar o entrevistado a narrar sua história, sendo que essa história particular não pode ser prevista, conhecida ou preparada de antemão, visto que será determinada a partir da interação no momento da entrevista, e diferente para cada entrevistado⁵. A Figura 3 apresenta as fases e os elementos centrais de uma entrevista narrativa.

Fase	Regras
Preparação	Exploração do campo Formulação de questões exmanentes ⁶
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
2. Narração central	Não interromper Somente encorajamento não verbal para continuar narração Esperar para os sinais de finalização ("coda")
3. Fase de perguntas	Somente "Que aconteceu então?" Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo "por quê?" Ir de perguntas exmanentes para imanentes
4. Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo "por quê?" Fazer anotações imediatamente depois da entrevista

Figura 3 – Fases principais da entrevista narrativa

Fonte: Jovchelovitch e Bauer, 2004, p. 97.

Um exemplo de pergunta ampla no contexto administrativo é "você recorda quando começou a falar sobre a necessidade de reorganizar seu departamento? E o que aconteceu depois?" (CZARNIAWSKA, 2004, p. 51, tradução nossa). É importante que as perguntas, quando forem feitas, sejam questões exmanentes (MUYLAERT et al., 2014). Ou seja, devem surgir a partir da aproximação do pesquisador com o tema do estudo, ao elaborar a revisão de literatura e aprofundamento no tema a ser pesquisado (exploração do campo). Segundo Muylaert et al. (2014), as questões devem ser conciliadas com tópicos imanentes, ou seja, devem ser ancoradas na narração, com foco em detalhes trazidos pelo informante e utilizando a linguagem deste.

A interpretação das informações obtidas com esse tipo de entrevista não mais utiliza o método tradicional de orientação por tema. Mais do que categorizar temas comuns às entrevistas, é preciso ouvir primeiro as vozes dentro de cada entrevista, e contextualizadas a cada momento e narrador. A próxima seção comenta algumas maneiras de analisar narrativas.

4.2 Análise

Em relação à análise narrativa nas ciências sociais, Riessman define-a como "um conjunto de abordagens de diversos tipos de textos, que têm em comum a forma de histórias" (RIESSMAN, 2005, p. 1, tradução nossa). Ou seja, são maneiras de analisar narrativas já existentes, produzidas por outras pessoas, diferente do caso anterior onde havia a produção dessas histórias⁷.

Nos textos em prosa, de acordo com o formalista russo Vladimir Propp, "forma e conteúdo são inseparáveis", e, por conseguinte, "quem analisa a forma está analisando também o conteúdo" (PROPP, 1984, p. 219). Propp usa essa justificativa para rebater as críticas do estruturalista francês Lévi-Strauss – sobre uma errônea "dicotomia formalista, que opõe forma e conteúdo" (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 137) – à sua análise baseada nas funções das ações dos personagens nos contos maravilhosos. Para o filósofo francês, Propp não leva em conta o contexto das histórias, e a forma se torna tão abstrata "que perde todo o significado [...] *O formalismo aniquila seu objeto.*" (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 138, itálico no original). Lévi-Strauss afirma ainda que "para o estruturalismo, esta oposição não existe: não há, de um lado, o abstrato e, de outro, o concreto. Forma e conteúdo são de mesma natureza, sujeitos à mesma análise." (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 137-138).

Na morfologia de Propp, *forma* significa o pertencimento a determinado gênero; enquanto *conteúdo* é "a ideia da obra, o que o autor quis expressar, sua visão do mundo, seus conceitos" (PROPP, 1984, p. 220). Ainda que essa discussão tenha ocorrido no campo das tradições literárias populares (contos de magia e mitos), uma certa diferenciação entre forma e conteúdo, estrutura do texto e o que é narrado, aparece também nas análises narrativas em ciências sociais.

Outro estruturalista francês, Tzvetan Todorov, separa os textos em *história* e *discurso*, seguindo os conceitos de Émile Benveniste. A *história* se refere aos acontecimentos relatados, enquanto o *discurso* é "a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los" (TODOROV, in BARTHES et al, 2013, p. 221). Por fim, Roland Barthes, propondo uma conciliação entre as teorias das narrativas, distingue três níveis de descrição nessas obras: "o nível das '*funções*' (no sentido que esta palavra tem em Propp e em Bremond), o nível das '*ações*' (no sentido que esta palavra tem em Greimas quando fala dos personagens como *actantes*) e o nível da '*narração*' (que é, *grosso modo*, o nível do '*discurso*' em Todorov)" (BARTHES, in BARTHES et al, 2013, p. 27, itálico no original).

Relacionando a linguagem aos fatores da comunicação (remetente, mensagem, destinatário, contexto, código e meio/contato), Jakobson (1985, p. 123-129, texto original de 1960) define seis funções linguísticas de acordo com a ênfase em cada um dos fatores, e a intenção textual pretendida, como está na Tabela 1:

Tabela 1 – Funções da linguagem, segundo Roman Jakobson

função da linguagem	fator da comunicação predominante	características
1 referencial	contexto	orientação para o referente, denotativa, sem ambiguidades, predominante no discurso científico
2 emotiva	remetente	expressiva, com interjeições, ponto de vista do emissor, adjetivada
3 apelativa (conativa)	destinatário	presença de vocativo e imperativo, persuasiva, sedutora
4 fática	meio físico (contato, canal)	utilizada para prolongar ou interromper a comunicação, ou para verificar se o canal funciona
5 metalinguística	código	a linguagem falando sobre ela mesma, remetente e/ou destinatário desejam verificar se estão usando o mesmo código
6 poética	mensagem	a ênfase é na palavra em si, promove o caráter palpável dos signos, não se restringe à poesia

Fonte: Elaborada pelas autoras, a partir de Jakobson, 1985, p. 123-129 e Chalhuh, 1985.

Dessas discussões literárias, é possível concluir que há aspectos diversos numa mesma história, e que isso pode levar a diferentes tipos de análise textual. As características definidas pelos linguistas e teóricos da literatura, ainda que provenientes de textos literários, podem ser encontradas nas narrativas em geral. Por isso, o aproveitamento desses estudos também para a análise de textos das ciências sociais. É possível pesquisar, por exemplo, o conteúdo de relatórios integrados, o tipo de linguagem empregado, a formatação gráfica (com uso ou não de imagens), a motivação do texto, etc.

É nesse contexto que a análise narrativa em ciências sociais pode ser considerada uma abordagem particular de posicionamento frente a um texto, diferente de outras técnicas como a análise de conteúdo, a análise do discurso, a *grounded theory*, a história de vida, etc. Ou seja, há uma maneira própria de estudar o texto narrativo que difere dos demais métodos.

Catherine Riessman (2008) define quatro modelos de análise narrativa: temática, estrutural, dialógica/performática e visual.

(1) Na **análise temática**, a ênfase é no contexto da narrativa, "**o que**" é dito, mais do que "**como**" é dito; o conteúdo da narrativa mais do que sua forma de apresentação. Essa análise geralmente busca por tipologias, elementos comuns a várias narrativas, e que podem ser apreendidos do conteúdo do discurso, a partir da interpretação do significado das histórias. A linguagem em si e o contexto não são usualmente estudados.

(2) Já na **análise estrutural**, a ênfase muda para a forma em que a história é contada, para o "**como**" a narrativa está elaborada. A linguagem se torna o objeto de investigação, com seus artifícios para tornar a história persuasiva. Como a abordagem estrutural requer a análise tanto da sintática quanto da prosódia (entonação, maneira de falar, ritmo, intensidade, tom, altura e duração – em textos orais), não é recomendada para uma grande quantidade de narrativas, e sim para estudos de casos. Também essa análise (como a anterior) descontextualiza o narrado.

(3) A **análise dialógica/performática**⁸ valoriza a interação entre o narrador e o ouvinte, enfatizando o **diálogo**, e também o **desempenho** do contador da história no ato da narração. O contador da história e o entrevistador interagem em uma conversa, criando conjuntamente o significado da narrativa. O pesquisador se torna uma presença ativa e visível na coleta de dados, na análise e no relatório da pesquisa. São analisadas as experiências de vida, as histórias pessoais, e as relações entre falantes em contextos particulares (como salas de aula, tribunais de justiça, serviços sociais, atendimentos médicos, etc.), além da linguagem corporal e dos gestos do narrador. De forma semelhante à análise estrutural, aqui também o discurso é analisado em todas as suas complexidades, e não apenas como um veículo para o conteúdo.

(4) Por fim, a **análise visual** utiliza as **imagens** como dados a serem interpretados conjuntamente com as palavras do criador das imagens. As imagens passam a ser "textos" a serem interpretados, e não mais apenas ilustrações. Questiona-se o porquê e como as imagens são produzidas, e são entendidas pelos diferentes públicos. Há o uso de fotografias e vídeos também na coleta de dados, inclusive com o fornecimento de câmeras para que os próprios participantes da pesquisa recolham as imagens que desejarem. Essa "virada visual" (*visual turn*) ainda é uma forma emergente nos estudos narrativos.

De modo geral, os diversos tipos de análise da narrativa buscam conhecer como os narradores escolhem os eventos e suas sequências de narração, de forma a torná-los coerentes e significativos para os ouvintes. Nas palavras de Riessman, "narrativas são úteis nas pesquisas exatamente porque os narradores interpretam o passado mais do que o reproduzem

como ele foi. [...] Elas oferecem aos contadores das histórias uma forma de reinterpretar suas vidas" (RIESSMAN, 2005, p. 6, tradução nossa).

Mas, afinal, o que caracteriza a análise narrativa em si e a distingue dos demais métodos? A principal diferenciação desse tipo de análise é a **abordagem do texto como um todo**. É valorizado o **particular**, como cada narrador específico optou por construir sua história, determinou a sequência das ações, e usou a linguagem falada, escrita ou visual para comunicar aquele significado para uma determinada audiência. Para Riessman (2008, p. 11, tradução nossa), "os pesquisadores narrativos questionam a intenção e a linguagem – como e por que os eventos são narrados, e não simplesmente o conteúdo a que a linguagem se refere".

As narrativas são analisadas como unidades, e não fragmentadas em categorias temáticas, como é feito, por exemplo, na análise de conteúdo ou na *grounded theory*. Nos estudos narrativos são valorizados o contexto e as particularidades. A sequência dos fatos é preservada e a narrativa é considerada em sua totalidade. A análise narrativa é centrada em casos (*case-centered*), e não em categorias (*category-centered*). Não há a busca por generalizações estatísticas entre os textos – como em estudos de caso, o que é possível é uma generalização para propósitos teóricos, ou seja, a partir de um caso, derivar leis e teorias gerais (RIESSMAN, 2008, p. 13; RYAN et al, 2002, p. 145-149).

Para Barbara Czarniawska, "a abordagem narrativa nas ciências sociais não oferece um 'método', nem tem um 'paradigma', um conjunto de procedimentos para conferir a correção dos resultados. [...] ela se afasta da ideia de que um procedimento 'rigorosamente' aplicado pode levar a resultados possíveis de serem testados" (CZARNIAWSKA, 2004, p. 136, tradução nossa). Ou seja, a análise narrativa busca trazer uma abordagem diferenciada dos acontecimentos, sem que sejam buscadas as características de um rigor científico típico das abordagens positivistas. É uma forma outra, complementar de se entender uma situação, dentro de um contexto e narrador específicos. "As questões como 'isto é válido?', 'isto é confiável?', 'isto é Ciência?' precisam ser substituídas por: 'isto é interessante?', 'é relevante?', 'é bonito?'" (CZARNIAWSKA, 2004, p. 136, tradução nossa).

5 Narrativas em Contabilidade

Dois aspectos precisam ser definidos nas pesquisas narrativas em geral: o **objeto** a ser estudado e a **abordagem** escolhida. O primeiro responde a "o que analisar"; e o segundo a "de que forma analisar". Os dois aspectos precisam estar em consonância, para que a análise seja possível e coerente. Nas Ciências Contábeis, tanto seus diversos tipos de textos como suas principais correntes teóricas podem ser objeto e abordagem de pesquisas narrativas.

O **objeto** pode ser um material escrito ou verbal, imagens, desenho gráfico, e documentos oficiais, como demonstrações financeiras anuais, relatórios da administração, relatórios sociais, prospectos de oferta pública de ações, normas contábeis, comunicados à imprensa, cartas dos diretores aos acionistas, discursos dos gestores, sites na internet, etc. Ainda que os materiais pesquisados sejam narrativos, eles podem ser analisados tanto por meio de uma abordagem narrativa propriamente dita, como por outros tipos de análise, como a análise de conteúdo, análise do discurso, *grounded theory*, entre outras. Essas análises podem ser qualitativas ou quantitativas, com o uso ou não de softwares, contagem de palavras e emprego de índices, ou mesmo de procedimentos de análise multivariada.

A **abordagem** narrativa de análise pode ser uma das quatro formas comentadas anteriormente, ou mesmo uma combinação entre elas, lembrando que a ideia central de uma análise narrativa é o exame da totalidade do texto e de suas particularidades, e não sua fragmentação em categorias, como é o caso de outros métodos qualitativos de análise. Cada história forma uma unidade completa de conteúdo a ser analisada (*case-centered*), e não a ser separada em características internas a serem comparadas com outras narrativas (*category-centered*).

5.1 Qualidade

Uma questão central nos estudos contábeis é a qualidade de seus relatórios e demonstrações financeiras. E a pesquisa narrativa vem trazer outros tipos de avaliação dessa qualidade da informação contábil.

Assim, além de análises quantitativas das informações contábeis (já bastante sistematizadas e testadas), é preciso perceber a integralidade do material que acompanha as demonstrações financeiras (relatórios da administração, relatório integrado, e mesmo os textos das notas explicativas, entre outros). O estudo das narrativas contábeis vem trazer uma outra forma de abordar as informações divulgadas, considerando o texto em sua totalidade com um significado por si mesmo.

Afinal, qualidade é um dos aspectos-chave na análise de narrativas. O que se busca é um entendimento não só do conteúdo do texto (escrito ou falado) mas também de sua enunciação: forma e conteúdo; discurso e história. Segundo Beattie (2014, p. 122-123, tradução nossa):

O conceito de 'qualidade dos relatórios financeiros' se tornou relevante nos últimos anos, seguindo os vários escândalos e crises financeiras. Embora o termo possa significar muitas coisas, ele pode ser visto como um termo que abrange tanto a qualidade dos números contábeis (por exemplo, a qualidade dos lucros) quanto a qualidade das narrativas contábeis, ambas moderadas pela qualidade da auditoria.

A pesquisadora traz como exemplo de *disclosure* de baixa qualidade: "Unilever é dedicada a atender às necessidades diárias das pessoas em todos os lugares", visto que só faz uma afirmação genérica, sem possibilidade de comprovação; e como *disclosure* de alta qualidade: "Nossas vendas caíram 11% como resultado da perda de um cliente desde o final do mês de março" (BEATTIE, 2013, p. 25, tradução nossa). Ou seja, a qualidade dos textos narrativos também deve ser analisada, e os parâmetros para essa avaliação de qualidade podem ser buscados na análise narrativa.

Os quatro textos a seguir são exemplos de narrativas contábeis, extraídos dos relatórios da administração (R.A.) de companhias abertas brasileiras. As duas primeiras citações são exemplos de evidenciação de baixa qualidade, enquanto que as duas últimas apresentam *disclosure* de alta qualidade.

Na busca pelo aperfeiçoamento de Processos, cabe destacar o empenho da Área Industrial, logrando alcançar aprimoramentos tecnológicos que permitiram a redução do consumo de água e energia, expressiva contribuição para enfrentamento dos custos, especialmente, energia elétrica, tão súbita e expressivamente aumentada. (TEKA TECELAGEM KUEHNRIK S.A., Relatório da Administração, 2014, p. 3)

Após longo período, apesar de pequeno, a Companhia volta a gerar resultado suficiente para cobrir os seus prejuízos acumulados e volta a pagar dividendos. (LOJAS HERING S/A, Relatório da Administração, 2014, p. 4)

Em resumo, no ano de 2014, a empresa obteve ROB de R\$ 1.473,3, 3,9% menor em relação a 2013, com geração de lucro operacional de R\$ 59,1, que em 2013 era prejuízo operacional de R\$ 7,8, porém ainda gerando um prejuízo líquido de R\$ 72,8, com 42,5% menor em relação a 2013. (VULCABRAS|AZALÉIA S.A., Relatório da Administração, 2014, p. 4)

No período de 10 anos, desde 2004, a Multiplan dobrou seu portfólio de shopping centers e adicionou R\$10,0 bilhões às vendas totais dos lojistas de seus shopping centers, um crescimento de 4,6 vezes sobre o montante inicial. (MULTIPLAN, Relatório da Administração, 2014, p. 3)

Nos dois primeiros exemplos, os textos dos gestores trazem afirmativas genéricas, com palavras como "empenho", "aprimoramento", "expressiva contribuição", "resultado suficiente", sem, contudo, definir claramente (mesmo que sem referência a valores) o que foi, de fato, realizado. A linguagem é emotiva, ainda que numa primeira leitura, possa parecer objetiva. Daí, esse tipo de *disclosure* ser de baixa qualidade.

Já nos dois últimos exemplos, a apresentação de valores permite uma compreensão mais nítida da situação da empresa. No terceiro trecho, a empresa está relatando um prejuízo no exercício, mas não tenta ocultar essa informação através de subterfúgios linguísticos. É importante frisar que não é simplesmente a apresentação de valores numéricos que faz com que a evidenciação seja melhor. É a precisão no uso da linguagem e a ausência de termos com significado amplo e impreciso. É a qualidade narrativa em si que é percebida; se ela traz algum conteúdo, ou é um mero enfileiramento de palavras (e, se for, qual a intenção desse texto?).

Assim, os quatro trechos de relatórios da administração apresentam narrativas que podem ser analisadas sob diversos aspectos, principalmente a fim de perceber a intenção textual, conforme definição de Umberto Eco (1993). Para esse autor:

Interpretar um texto significa explicar por que essas palavras podem fazer várias coisas (e não outras) através do modo pelo qual são interpretadas. Mas se Jack, o Estripador, nos dissesse que fez o que fez baseado em sua interpretação do Evangelho segundo São Lucas, suspeito que muitos críticos voltados para o leitor se inclinariam a pensar que ele havia lido São Lucas de uma forma despropositada. [...] Ele prova que existe pelo menos um caso em que é possível dizer que uma determinada interpretação é ruim. Segundo os termos da teoria de pesquisa científica de Popper, isso é o suficiente para refutar a hipótese de que a interpretação não tem critérios públicos (ao menos em termos estatísticos). (ECO, 1993, p. 28-29).

Ou seja, entre a intenção do autor (que é irrelevante) e a intenção do intérprete, existe a intenção do texto, que não é completamente independente de uma realidade apontada no próprio texto. Brennan e Merkl-Davies (2013, p. 4), analisando narrativas contábeis e gerenciamento de impressão, observaram que a empresa "Enron parece ter gerenciado impressões através das palavras, quando os números auditados contavam uma outra história." Esses autores trouxeram como exemplo a carta aos acionistas da Enron da demonstração financeira do ano 2000, que afirmava que "O desempenho da Enron em 2000 foi um sucesso sob todas as perspectivas, pois continuamos a superar a concorrência e a solidificar nossa liderança em cada um dos nossos principais negócios." (BRENNAN; MERKL-DAVIES, 2013, p. 34, tradução nossa).

A referida empresa norte-americana do setor de energia entrou em concordata em 2001, sob escândalos de fraudes contábeis e fiscais e manipulação dos relatórios financeiros. Ou seja, há casos em que a intenção textual pode ser "verificada" de várias formas, inclusive, em contabilidade, pelo confronto com informações contábeis, como nesse exemplo da empresa Enron. Isso não implica num "descrédito" da narrativa, mas numa ampliação do contexto de sua análise, e percepção mais ampla de suas intenções (como, por exemplo, no gerenciamento de impressões, comentado anteriormente no item 4.2). Não é obrigatória uma confrontação externa ao texto, mas pode coexistir.

5.2 Algumas Pesquisas Narrativas

Em relação ao estudo das narrativas como objeto de pesquisa, os principais métodos de análise empregados são a análise de conteúdo, a análise linguística e a análise do discurso, sendo os dois primeiros com mais ênfase em características quantitativas dos textos, e o último mais qualitativo (BEATTIE, 2014, p. 126-127).

O texto mais utilizado é o relatório da administração, seguido pelas cartas dos presidentes aos acionistas. Há também a análise de outras partes narrativas das demonstrações financeiras (DFs), como os textos das notas explicativas, principalmente aqueles relacionados ao gerenciamento de riscos ou à divulgação do capital intelectual. Podem ainda ser objeto de pesquisa os *press releases*, os informativos ao mercado, os relatórios sociais e ambientais, e os relatórios intermediários.

Mais comuns em outras disciplinas das Ciências Sociais do que na Contabilidade, há exemplo de pesquisa utilizando entrevistas narrativas e histórias contadas espontaneamente, relacionando-as à contabilidade gerencial (BJURKLO, 2016); e ainda história oral de vida sobre o impacto das instituições e práticas contábeis na vida pessoal de mulheres contabilistas (HAYNES, 2010).

Um estudo analisou os quatro manifestos pessoais dos fundadores das empresas Google, Groupon, Zynga e Facebook, quando do lançamento de suas ações na bolsa de valores norte-americana. Segundo o artigo (DROR, 2015, p. 541), esses foram os quatro únicos exemplos americanos conhecidos (até aquela data), nos quais fundadores de empresas incluíram cartas pessoais nos formulários enviados à SEC (*Securities and Exchange Commission*) antes de se tornarem empresas de capital aberto. Para Dror (2015, p. 541), nessas cartas pessoais, os fundadores focaram o lado *soft* do negócio (ideologia, crenças, cultura, etc.) em vez do lado *hard* (receitas, lucro líquido, ativos, etc.); esta manobra representou não só um esforço retórico, mas também uma política de alterar o equilíbrio de poder no discurso empresarial.

Em relação à análise narrativa propriamente dita, foram pesquisados artigos baseados nesse tipo de análise nos periódicos *Accounting, Auditing & Accountability Journal* (AAAJ), *Critical Perspectives on Accounting* (CPA) e *Accounting, Organizations and Society* (AOS) – considerados como principais veículos de divulgação das pesquisas interpretativas e críticas em Contabilidade (LOWE; LOCKE, 2005, p. 88, MALSCH; GENDRON; GRAZZINI, 2011, p. 201). Foram pesquisados os termos "*accounting*" e "*narrative*", entre os anos de 2010 e 2019. Dentre os artigos encontrados foram selecionados três – um de cada periódico – para serem comentados como exemplos, com base na utilização da análise narrativa como descrita no presente texto.

(1) Em Haynes (2010), foram analisadas narrativamente as histórias orais de quinze mulheres contadoras certificadas e mães, no Reino Unido. A autora se valeu das narrativas tanto como forma de coleta das informações, por meio do relato da história pessoal de cada participante, quanto também na forma de escrita do artigo publicado. O artigo foi escrito em primeira pessoa do singular, com a autora incluindo seu posicionamento expressamente no texto, seja declarando sua autoridade – "apesar de tentar usar as próprias palavras das participantes [...], só eu tenho autoridade interpretativa, escolhendo o que deixar, o que tirar, transformando a história oral em uma representação escrita de uma vida" (HAYNES, 2010, p. 226, tradução nossa) –, sua influência de pesquisadora – "Eu esperava que minha própria experiência como contadora e mãe gerasse alguma empatia e confiança entre mim e as participantes." (HAYNES, 2010, p. 224, tradução nossa) –, ou mesmo sua proximidade – "Com Maureen, no entanto, meu ato de auto-revelação sobre minha própria experiência de maternidade [...] parecia basear-se mais nas minhas necessidades do que nas dela." (HAYNES, 2010, p. 228, tradução nossa). A autora concluiu que a história oral é uma base confiável para compreender significados, experiências, e o impacto das instituições e práticas contábeis na vida pessoal.

(2) O'Dochartaigh (2019) utilizou o método triádico de interpretação proposto por Hernadi (1987) – explicação (*explication*), esclarecimento (*explanation*) e exploração (*exploration*) – para analisar as narrativas sobre sustentabilidade em 105 documentos de quarenta empresas do Reino Unido, selecionadas entre as duzentas que receberam prêmios de

melhores práticas ou de divulgação de sustentabilidade. O autor comparou as narrativas dos relatórios de treze grandes companhias, com dez pequenas e médias empresas, sete cooperativas e dez empresas sociais, a fim de perceber se havia diferença em relação ao tipo e porte da entidade. O autor identificou cinco tipos de narrativas nos textos analisados: licença para operar, caso de sucesso, modernização ecológica, "nós fazemos negócios de maneira diferente", e trabalho integrado (O'DOCHARTAIGH, 2019, p. 1401); e verificou que as empresas geralmente utilizam a forma narrativa do romance, com uso de metáforas, para criar uma imagem da organização como na jornada do herói em busca da sustentabilidade (O'DOCHARTAIGH, 2019, p. 1403). Concluiu que as empresas alternativas (em comparação com as grandes companhias) produziram relatórios de sustentabilidade com narrativas diferentes no conteúdo, mas não na forma, e com histórias direcionadas a usuários específicos. Assim, esse artigo utilizou as narrativas tanto como objeto de pesquisa quanto como forma de análise.

(3) Daoust e Malsch (2019) analisaram como ex-auditores relembram seus passados profissionais. Os autores entrevistaram trinta e sete profissionais que trabalharam como auditores, mas mudaram de área de atuação. Foi utilizada a entrevista semi-estruturada como meio de obter memórias significativas através de narrativas autobiográficas (DAOUST; MALSCH, 2019, p. 6). Dessa forma, as narrativas serviram como objeto da pesquisa. A análise foi elaborada em duas partes: primeiro, a apresentação da memória comunicativa dos participantes de suas experiências na empresa de auditoria na época em que decidiram sair; depois, suas memórias culturais daquela experiência no contexto de sua carreira atual. O artigo trouxe, então, trechos dessas entrevistas, mostrando que, em geral, os participantes se declaravam em funções inadequadas aos seus estilos de vida, quando narravam as memórias comunicativas (individuais): "Eu era como, 'Onde estou?' Só de pensar nisso me deixou enjoado... Em algum momento, eu me perguntei: 'O que eu gosto na vida?'" (DAOUST; MALSCH, 2019, p. 10, tradução nossa). Porém, na nova função profissional, a transformação em memória cultural – representações coletivas como forma de auto-imagem de grupo – mostrou que a lembrança anterior se alterna para uma exaltação do trabalho como auditor: "Ainda estou muito apegado à minha experiência na auditoria. Eu fiz tantos amigos; eu me desenvolvi muito graças à firma" e "posso dizer que, no meu novo emprego, tenho medo de perder alguma coisa... não a minha identidade, mas de ter uma identidade profissional mais fraca, mais fraca pelo menos do que quando trabalhei na firma de auditoria" (DAOUST; MALSCH, 2019, p. 11, tradução nossa). Assim, os autores usaram as narrativas pessoais obtidas por meio de entrevistas para analisar a transformação de memórias comunicativas em memórias culturais de classe.

Esses três artigos exemplificaram o uso de narrativas como objeto de análise, bem como sua associação com diferentes formas de obtê-las (história oral, documentos escritos, entrevista), e abordagens metodológicas (estudo de gênero, análise interpretativa e memória cultural).

6 Considerações Finais

O presente artigo abordou o estudo das narrativas que abrange tanto a produção desse tipo de texto quanto a análise deles. Assim, reconheceu-se o potencial das narrativas para a produção de dados em campo, para a construção do relatório da pesquisa, bem como para a análise dos textos narrativos já existentes. Ao longo da argumentação, os objetos da pesquisa narrativa foram reconhecidos como sendo histórias produzidas pelos sujeitos e pelo pesquisador, ou por terceiros. Da mesma forma, a abordagem narrativa de análise foi considerada uma maneira de tratar o texto como um todo e suas particularidades, sem separá-lo em categorias ou propor generalizações entre textos.

Como narrativas estão presentes em tantas áreas diferentes de estudos, várias são as possibilidades de abordagem e embasamento. Neste ensaio, foi proposta uma fundamentação baseada nas análises funcionalista e estruturalista, como propostas pelos teóricos da literatura Propp, Lévi-Strauss, Barthes e Todorov. Foram buscadas as articulações internas dos textos, bem como as funções do que é dito. Portanto, como em Eco (1993), o ensaio argumenta que há uma intenção textual, que pode ou não precisar de comprovação externa, mas que também não permite uma interpretação totalmente isenta do conteúdo do texto.

O argumento central defendido no ensaio teórico alinha a pesquisa narrativa em Contabilidade às perspectivas críticas e interpretativas (CHUA, 1986). Assim, em Contabilidade, os textos passíveis de análise narrativa tornam-se vários, desde aqueles escritos e publicados regularmente – como os relatórios da administração, as cartas aos acionistas, os balanços sociais, os relatórios integrados e de sustentabilidade, e as notas explicativas – como os relatos verbais dos profissionais e usuários contábeis. Essas narrativas podem ser combinadas com outros métodos de análise, como gerenciamento de impressões, análise de conteúdo, análise do discurso, e também com estudos culturais, de gênero, de classes, e outros métodos interpretativos.

Por exemplo, narrativas em contabilidade começam a ser consideradas como fontes relevantes para o entendimento da situação financeira das empresas, a fim de que se tenha uma compreensão mais abrangente das entidades.

A análise narrativa amplia a área de estudos em Contabilidade, permitindo que novos materiais sejam tomados como objetos de pesquisa, e outras relações entre fatos, valores, discursos e poderes sejam enfocados. Assim, as narrativas vêm contribuir para o estudo contábil, num contexto em que apenas os dados numéricos não são capazes. Sendo assim, o presente ensaio buscou trazer uma visão dos estudos narrativos, especialmente em Contabilidade, apresentando definições e exemplos, de maneira a estimular o uso dessa ferramenta em novos materiais e pesquisas na área.

Referências

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BEATTIE, Vivien. Accounting narratives and the narrative turn in accounting research. **The British Accounting Review**, n. 46, p. 111-134, 2014.
- BEATTIE, Vivien. **Quality of Accounting Narrative Disclosures**: UK Research, Progress and Prospects. Londres, 2013.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional; EdUSP, 1976.
- BJURKLO. Narrative accounting for competence creation. **Journal of Human Resource Costing & Accounting**, v. 10, n. 1, p. 34-47, 2006.
- BLOOR, Michael; WOOD, Fiona. **Keywords in Qualitative Methods**. Londres: Sage, 2006.
- BRENNAN, Niamh M.; MERKL-DAVIES, Doris M. **Accounting Narratives and Impression Management**. Bangor Business School, UK, 2013.
- CARNEGIE, G. D.; NAPIER, C. J. Historiography in accounting research. In: HOQUE; PARKER; COVALESKI; HAYNES (ed.). **The Routledge Companion to Qualitative Accounting Research Methods**, New York: Routledge, chapter 5, p. 71-90, 2018.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 1985.

- CHASE, Suzan. Narrative Inquiry: multiple lenses, approaches, voices. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of Qualitative Research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. Cap. 25.
- CHUA, Wai Fong. Radical developments in accounting thought. **The Accounting Review**, v. 61, n. 4, p. 601-632, 1986.
- COVALESKI; HAYNES; HOQUE; PARKER. Introduction: researching everyday accounting practice. In: HOQUE, Zahirul; PARKER, Lee D.; COVALESKI, Mark A.; HAYNES, Kathryn (ed.). **The Routledge Companion to Qualitative Accounting Research Methods**, New York: Routledge, 2018.
- CZARNIAWSKA, Barbara. **Narratives in Social Science Research**. Londres: Sage, 2004.
- CZARNIAWSKA, Barbara. An emergence of narrative approaches in social sciences and in accounting research. In: HOQUE; PARKER; COVALESKI; HAYNES (ed.). **The Routledge Companion to Qualitative Accounting Research Methods**, New York: Routledge, chapter 11, p. 184-199, 2018.
- DAOUST, Laurence; MALSCH, Bertrand. How ex-auditors remember their past: The transformation of audit experience into cultural memory. **Accounting, Organizations and Society**, n. 77, p. 1-20, 2019.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DROR. 'We are not here for the money': Founders' manifestos. **New Media & Society**, v. 17, n. 4, p. 540-555, 2015.
- ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GENDRON, Y.; SPIRA, L. (2010). Identity narratives under threat: A study of former members of Arthur Andersen. **Accounting, Organizations and Society**, 35, pp. 275-300.
- HAYNES. Other lives in accounting: Critical reflections on oral history methodology in action. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 21, p. 221-231, 2010.
- JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som : um manual pratico**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. **Journal of Narrative and Life History**, v. 7, v. 1-4, p. 3-38.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura e a forma: reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp. In: **Antropologia estrutural dois**. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- LOURENÇO, Rosenery Loureiro; SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras. Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v.13, n. 28, p. 99-122, 01 January 2016.
- LOWE, A.; LOCKE, J. Perceptions of journal quality and research paradigm: results of a web-based survey of British accounting academics. **Accounting, Organizations and Society**, v. 30, n. 1, p. 81-98, 2005.

MALSCH; GENDRON; GRAZZINI. Investigating interdisciplinary translations: The influence of Pierre Bourdieu on accounting literature. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, v. 24, n. 2, p. 194-228, 2011.

MERKL-DAVIES; BRENNAN; MCLEAY. Impression management and retrospective sense-making in corporate narratives. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, v. 24, n. 3, p. 315-344, 2011.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI Jr., Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincola. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, n. 48 (esp 2), p. 193-199, 2014.

O'DOCHARTAIGH, Aileen. No more fairytales: a quest for alternative narratives of sustainable business. **Accounting, Auditing and Accountability Journal**, v. 32, n. 5, p. 1384-1413, 2019.

POLKINGHORNE, Donald E. **Narrative knowing and the human sciences**. Albany, EUA: SUNY Press, 1988.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Analysis. In: JUPP, Victor (ed.). **The Sage Dictionary of Social Research Methods**. Londres: Sage, 2006.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Analysis. In: **Narrative, Memory and Everyday Life**. University of Huddersfield, Huddersfield, p. 1-7, 2005.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. USA: Sage, 2008.

RYAN, Bob; SCAPENS, Robert W.; THEOBALD, Michael. **Research method and methodology in finance and accounting**. 2. ed. UK: Cengage Learning, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Poética da Prosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹ Neste texto, o termo "história" será usado no sentido de "narração de eventos fictícios ou não", como está definido no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Esse é o termo correto, em comparação com "estória", que, segundo o Dicionário Caudas Aulete: "A palavra foi proposta para designar narrativa de ficção, mas a forma preferencial é história. Do ing. *story*". No Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, constam as duas formas.

² A falência foi decretada em 20 de julho de 2015, e anulada, após recurso, em 17 de fevereiro de 2016.

³ As autoras agradecem ao revisor anônimo pela indicação dessa referência.

⁴ MacKenzie, Donald (2008a). *End-of-the-world trade*. London Review of Books, 30(9), p. 24-26.

⁵ Para maiores explicações sobre a entrevista narrativa, ver CHASE, Suzan. *Narrative Inquiry: multiple lenses, approaches, voices*. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Handbook of Qualitative Research*. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005. Cap. 25.

⁶ A palavra "exmanente", ainda que não esteja no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), foi utilizada aqui seguindo a tradução constante em Bauer e Gaskell (2004, p. 97), significando o complemento de "imaneente": "Questões exmanentes refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagem. Distinguimos das questões exmanentes as questões imaneentes: os temas, tópicos e relatos de acontecimentos que surgem durante a narração trazidos pelo informante."

⁷ Vale lembrar que essa autora não diferencia os conceitos de narrativa e história, como já foi comentado na primeira parte desse ensaio.

⁸ Na tipologia apresentada em Riessman (2005), essa categoria de análise estava dividida em duas – interativa e performática –, e não havia o quarto método – análise visual.